II

COLEÇÃO GRANDES LÍDERES

EGINHARDO · NOTKER

CARLOS MAGNO

o Pai da Europa

Edição bilíngue latim-português

VIDA DE CARLOS MAGNO · FEITOS DE CARLOS MAGNO

EDIÇÕES INSTITUTO MMV

COLEÇÃO GRANDES LÍDERES

EGINHARDO · NOTKER DE SÃO GALO

Carlos Magno: o Pai da Europa

Vida de Carlos Magno · Feitos de Carlos Magno

Edição bilíngue latim–português

Edições Instituto MMV

EGINHARDO · NOTKER DE SÃO GALO

Carlos Magno: o Pai da Europa

Vida de Carlos Magno · Feitos de Carlos Magno

Edição bilíngue latim–português
Tradução, introdução e notas de João Perusino

Coleção Grandes Líderes

Edições Instituto MMV
2026

© 2026 Edições Instituto MMV. Todos os direitos desta tradução, introdução e notas reservados.

Textos latinos: Eginhardo, Vita Karoli Magni, segundo a edição de O. Holder-Egger (Monumenta Germaniae Historica, 1911).

Notker de São Galo, Gesta Karoli Magni, segundo o texto da Patrologia Latina de J.-P. Migne, tomo 98 (Paris, 1851).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Eginhardo, c. 770–840.
Carlos Magno: o Pai da Europa / Eginhardo, Notker de São Galo ; tradução, introdução e notas de João Perusino. — Edições Instituto MMV, 2026.
(Coleção Grandes Líderes)
Edição bilíngue latim–português.

1. Carlos Magno, imperador, 742–814. 2. Francos – História. 3. Idade Média – Biografia. I. Notker de São Galo, c. 840–912. II. Perusino, João. III. Título. IV. Série.

SUMÁRIO

Apresentação.....1

EGINHARDO — VIDA DE CARLOS MAGNO.....2

Prefácio — Por que escrever a vida de Carlos.....2
I. O ocaso dos merovíngios e a ascensão da casa de Carlos (caps. 1–3).....3
II. O plano da obra e a guerra da Aquitânia (caps. 4–5).....5
III. A guerra contra os lombardos (cap. 6).....6
IV. A guerra saxônica (caps. 7–8).....7
V. A expedição à Hispânia e o desastre de Roncesvalles (cap. 9).....9
VI. Os bretões, Benevento e a Baviera (caps. 10–11).....10
VII. Os eslavos e os ávaros (caps. 12–13).....12
VIII. O fim das guerras: boêmios, linões e dinamarqueses (cap. 14).....13
IX. O balanço das conquistas (cap. 15).....14
X. Reis e povos amigos: Afonso, os escotos, Harun e Bizâncio (cap. 16).....15
XI. Obras públicas e defesa do litoral (cap. 17).....16
XII. A família: esposas, filhos, mãe e irmã (caps. 18–19).....17
XIII. As conspirações e o acolhimento dos estrangeiros (caps. 20–21).....19
XIV. O retrato, a saúde e os banhos (cap. 22).....20
XV. As vestes (cap. 23).....21
XVI. A mesa, o sono e a justiça ao levantar (cap. 24).....22
XVII. A eloquência e os estudos (cap. 25).....23
XVIII. A piedade, as esmolas e Roma (caps. 26–27).....24
XIX. A coroação imperial (cap. 28).....25
XX. As leis, os cantos antigos e a língua franca (cap. 29).....26
XXI. A associação de Luís ao império e a morte (cap. 30).....27
XXII. A sepultura e os prodígios (caps. 31–32).....28
XXIII. A divisão dos tesouros (cap. 33).....29

NOTKER DE SÃO GALO — FEITOS DE CARLOS MAGNO.....33

Livro I. A escola, a sabedoria e o mérito (caps. 1–3).....33
Livro I. A escolha dos bispos (caps. 4–6).....35
Livro I. A disciplina da leitura e do canto (caps. 7–9).....38
Livro I. O canto romano e o canto de Metz (caps. 10–11).....40
Livro I. O jejum, a bênção e os benefícios (caps. 12–14).....41
Livro I. A hospitalidade e os bispos vaidosos (caps. 15–19).....43
Livro I. A pregação do primaz e o falso milagre (caps. 20–22).....45
Livro I. O demônio, a penitência e a avareza (caps. 23–25).....49
Livro I. O mulo do diabo, o bispo fornicador e o papa Leão (caps. 26–28).....52
Livro I. As obras de Aquisgrana e os juízos de Deus (caps. 29–33).....55
Livro I. O diácono vaidoso, o cantor ingrato e as vestes dos francos (caps. 34–36).....58
Livro II. O prefácio e os nove círculos dos ávaros (prefácio e caps. 1–2).....61
Livro II. Bravura e disciplina no exército (caps. 3–5).....63
Livro II. As embaixadas a Bizâncio (caps. 6–10).....64
Livro II. Os persas na Páscoa de Aquisgrana (caps. 11–14).....67
Livro II. Luís, o Germânico, e a medida da espada (caps. 15–17).....71
Livro II. A conjuração de Pepino e o gigante Eishere (caps. 18–20).....74
Livro II. Os normandos e o pranto do imperador (caps. 21–22).....76
Livro II. Pepino, o leão e o touro (caps. 23–25).....78
Livro II. Pavia e o Carlos de ferro (cap. 26).....80
Livro II. Friul, as peles e os últimos capítulos (caps. 27–31).....82

Comentários da tradição.....87

APRESENTAÇÃO

Poucos homens deram forma tão duradoura ao mundo que veio depois deles quanto Carlos, rei dos francos e dos lombardos e, a partir do Natal de 800, imperador. Herdou um reino franco ainda dividido entre irmãos e deixou, ao morrer em Aquisgrana, em janeiro de 814, um império que ia do Ebro ao Elba e da Frísia a Roma. Mais do que as conquistas, legou uma ideia: a de uma cristandade latina unida sob uma só autoridade temporal, em concerto com a Sé de Pedro, que atravessaria a Idade Média e sobreviveria, sob outras roupagens, até a Europa contemporânea. Não por acaso um poeta da sua corte já o saudava, por volta de 799, como pater Europae — pai da Europa.

A Coleção Grandes Líderes, aberta com o Cipião Africano de Tito Lívio, prossegue com este volume, que reúne as duas mais antigas biografias do imperador. A primeira, a Vita Karoli Magni, foi escrita por Eginhardo, homem que viveu na intimidade da corte por mais de duas décadas. A segunda, os Gesta Karoli Magni, foi composta cerca de setenta anos depois da morte do imperador pelo monge Notker de São Galo, que recolheu a memória viva do imperador já transformada em lenda. Lidas em conjunto, as duas obras mostram Carlos Magno como o viram os contemporâneos e como o lembraram os netos.

Eginhardo nasceu por volta de 770 no vale do Meno, de família franca de condição livre, e foi educado no mosteiro de Fulda. Por volta de 791 foi enviado à corte, onde se tornou discípulo de Alcuíno de York e, com o tempo, homem de confiança do rei. Os contemporâneos registram a sua pequena estatura e a sua grande erudição; Alcuíno chamava-o, por gracejo, Beseleel, o artífice do tabernáculo, em alusão à sua perícia nas artes e nas obras. Serviu também a Luís, o Piedoso, recebeu diversas abadias e terminou a vida em Seligenstadt, onde morreu em 840.

A data da composição da Vita é discutida: as propostas vão dos anos imediatamente seguintes à morte do imperador até cerca de 830. Certo é que Eginhardo tomou por modelo as Vidas dos Césares de Suetônio, sobretudo a Vida do Divino Augusto. Dele herdou o plano da obra — primeiro os feitos de guerra e de paz, depois os costumes e os estudos, por fim a administração e a morte —, a brevidade e muitas fórmulas de expressão. O resultado é a primeira biografia de um leigo escrita no Ocidente desde a Antiguidade, obra breve que circulou amplamente e de que restam mais de oitenta manuscritos medievais. Por volta de 840, Valafrido Estrabão, abade de Reichenau, acrescentou-lhe um breve prólogo e dividiu-a em capítulos com títulos; a numeração em trinta e três capítulos, hoje usada nas citações e seguida nesta edição, é a das edições modernas. Os títulos das seções, que reúnem capítulos afins, são desta edição.

O texto latino desta edição segue a edição crítica de Oswald Holder-Egger, publicada nos Monumenta Germaniae Historica em 1911, cuja grafia — Karolus, conpellere, inpendere — foi conservada. A tradução procura ser fiel ao latim sem lhe sacrificar a clareza, e as tabelas dispõem o original e a versão portuguesa lado a lado, divididos em unidades de sentido. As notas, breves, situam pessoas, lugares e acontecimentos e, quando oportuno, apontam o alcance jurídico e institucional do que se narra. Ao fim de cada parte, os Comentários da tradição reúnem o que autores de outras épocas disseram sobre a matéria.

Para os Feitos de Carlos Magno, de Notker, segue-se o texto publicado por Jacques-Paul Migne no tomo 98 da Patrologia Latina, em 1851, que reproduz a edição de Henricus Canisius, de 1601, revista por Jacques Basnage. Desse texto se conservam a ortografia (Carolus, com j e ae) e a divisão em capítulos, que não coincide em todos os pontos com a numeração das edições modernas. Onde a Patrologia indica entre colchetes uma lição melhor, foi esta a adotada, e em algumas passagens evidentemente corrompidas seguiram-se as lições correntes das edições críticas; as lacunas do original vão assinaladas por reticências entre colchetes.

EGINHARDO — VIDA DE CARLOS MAGNO

Einhardi Vita Karoli Magni

Prefácio — Por que escrever a vida de Carlos

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
[Praef.] *Vitam et conversationem et ex parte non modica res gestas domini et nutritoris mei Karoli, excellentissimi et merito famosissimi regis, postquam scribere animus tulit, quanta potui brevitate conplexus sum, operam inpendens, ut de his quae ad meam notitiam pervenire potuerunt nihil omitterem neque prolixitate narrandi nova quaeque fastidientium animos offenderem; si tamen hoc ullo modo vitari potest, ut nova scriptione non offendantur qui vetera et a viris doctissimis atque disertissimis confecta monumenta fastidiunt.*	**[Praef.]** Desde que o ânimo me levou a escrever, procurei abarcar com a maior brevidade possível a vida, os costumes e, em parte não pequena, os feitos do meu senhor e protetor Carlos, rei excelentíssimo e merecidamente famosíssimo. Empenhei-me em nada omitir do que pôde chegar ao meu conhecimento e em não ofender, com a prolixidade da narrativa, o ânimo dos que desdenham toda novidade — se é que de algum modo se pode evitar que se ofendam com um escrito novo aqueles que desdenham até os monumentos antigos, compostos por homens doutíssimos e eloquentíssimos.
Et quamquam plures esse non ambigam, qui otio ac litteris dediti statum aevi praesentis non arbitrentur ita neglegendum, ut omnia penitus quae nunc fiunt velut nulla memoria digna silentio atque oblivioni tradantur, potiusque velint amore diuturnitatis inlecti aliorum praeclara facta qualibuscumque scriptis inserere quam sui nominis famam posteritatis memoriae nihil scribendo subtrahere, tamen ab huiuscemodi scriptione non existimavi temperandum, quando mihi conscius eram nullum ea veracius quam me scribere posse, quibus ipse interfui, quaeque praesens oculata, ut dicunt, fide cognovi et, utrum ab alio scriberentur necne, liquido scire non potui.	Não duvido de que haja muitos que, dedicados ao ócio e às letras, não julgam que o tempo presente deva ser a tal ponto descuidado que tudo o que hoje se faz seja entregue ao silêncio e ao esquecimento como indigno de memória, e que, seduzidos pelo amor da duração, prefiram inserir os feitos ilustres de outros em escritos de qualquer qualidade a privar a posteridade da fama do próprio nome por nada escreverem. Ainda assim, não julguei dever abster-me de semelhante escrito, pois tinha consciência de que ninguém poderia escrever com mais verdade do que eu sobre aquilo de que participei e que conheci estando presente, com a fé dos próprios olhos, como se diz, sem poder saber com certeza se outro o escreveria ou não.
Satiusque iudicavi eadem cum aliis velut communiter litteris mandata memoriae posterorum tradere quam regis excellentissimi et omnium sua aetate maximi clarissimam vitam et egregios atque moderni temporis hominibus vix imitabiles actus pati oblivionis tenebris aboleri.	E julguei preferível transmitir à memória dos pósteros estas mesmas coisas, ainda que confiadas às letras em comum com outros, a deixar que se apagassem nas trevas do esquecimento a vida claríssima do rei excelentíssimo, o maior de todos em seu tempo, e os seus atos egrégios, que os homens dos tempos modernos mal conseguem imitar.
Suberat et alia non inrationabilis, ut opinor, causa, quae vel sola sufficere posset, ut me ad haec scribenda conpelleret, nutrimentum videlicet in me inpensum et perpetua, postquam in aula eius conversari coepi, cum ipso ac liberis eius amicitia; qua me ita sibi devinxit debitoremque tam vivo quam mortuo constituit, ut merito ingratus videri et iudicari possem, si tot beneficiorum in me conlatorum inmemor clarissima et inlustrissima hominis optime de me meriti gesta silentio praeterirem patererque vitam eius, quasi qui numquam vixerit, sine litteris ac debita laude manere; cui scribendae atque explicandae non meum ingeniolum, quod exile et parvum, immo poene nullum est, sed Tullianam par erat desudare facundiam.	Havia ainda outra razão, não desarrazoada, a meu ver, que por si só bastaria para me impelir a escrever: a criação que me deu e a amizade perpétua com ele e com seus filhos, desde que comecei a viver em sua corte. Com ela me prendeu a si e me fez seu devedor, tanto em vida quanto depois de morto, de tal modo que com razão poderia ser tido e julgado ingrato se, esquecido de tantos benefícios recebidos, passasse em silêncio os feitos claríssimos e ilustríssimos de um homem que tanto mereceu de mim e consentisse que a sua vida ficasse sem escrito e sem o louvor devido, como se nunca tivesse vivido. Para escrevê-la e expô-la, não seria o meu pobre engenho, exíguo e pequeno, ou antes quase nulo, mas a eloquência de Túlio que deveria suar.
En tibi librum praeclarissimi et maximi viri memoriam continentem; in quo praeter illius facta non est quod	Eis aqui, leitor, o livro que guarda a memória de um homem preclaríssimo e máximo. Nele nada há que

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
admireris, nisi forte, quod homo barbarus et in Romana locutione perparum exercitatus aliquid me decenter aut commode Latine scribere posse putaverim atque in tantam inpudentiam proruperim, ut illud Ciceronis putarem contemnendum, quod in primo Tusculanarum libro, cum de Latinis scriptoribus loqueretur, ita dixisse legitur: "mandare quemquam", inquit, "litteris cogitationes suas, qui eas nec disponere nec inlustrare possit nec delectatione aliqua adlicere lectorem, hominis est intemperanter abutentis et otio et litteris."	admirar além dos feitos dele, salvo, talvez, que eu, homem bárbaro e pouquíssimo exercitado na língua romana, tenha julgado poder escrever em latim algo com decoro e propriedade e me tenha lançado a tamanha impudência que considerasse desprezível aquela sentença de Cícero que se lê no primeiro livro das Tusculanas, quando trata dos escritores latinos: “confiar às letras os próprios pensamentos sem saber ordená-los nem iluminá-los nem atrair o leitor com algum deleite é próprio de quem abusa sem medida do ócio e das letras”.
Poterat quidem haec oratoris egregii sententia me a scribendo deterrere, nisi animo praemeditatum haberem hominum iudicia potius experiri et haec scribendo ingenioli mei periculum facere quam tanti viri memoriam mihi parcendo praeterire.	Essa sentença do egrégio orador poderia, por certo, dissuadir-me de escrever, se eu não tivesse resolvido de antemão submeter-me ao juízo dos homens e pôr à prova, escrevendo, o meu pobre engenho, antes que, poupando-me, deixar passar em silêncio a memória de tão grande homem.

NOTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

— Meu senhor e protetor (domini et nutritoris mei): nutritor é quem cria e educa. Eginhardo chegou menino ou adolescente à corte, por volta de 791, e ali foi formado; a palavra exprime um vínculo pessoal de criação e de fidelidade, mais forte que o de simples súdito.

— A moldura do prefácio — a profissão de modéstia, a desculpa pela rudeza do estilo, a obrigação de não deixar perecer a memória do biografado — retoma o prefácio de Sulpício Severo à Vida de São Martinho, muito lido nos mosteiros francos.

— A sentença invocada está nas Tusculanas, I, 3, 6. Cícero a dirigia aos divulgadores latinos do epicurismo, que escreviam sem arte; Eginhardo a volta contra si mesmo, em gesto de humildade, e com isso se coloca, ao mesmo tempo, sob a autoridade de Cícero. A eloquência de Túlio (Tulliana facundia) é a de Marco Túlio Cícero.

— Homem bárbaro (homo barbarus): Eginhardo era franco, de língua materna germânica, e o latim era para ele língua aprendida na escola. O seu latim, contudo, está entre os mais puros do seu século.

I. O ocaso dos merovíngios e a ascensão da casa de Carlos (caps. 1–3)

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
[1] *Gens Meroingorum, de qua Franci reges sibi creare soliti erant, usque in Hildricum regem, qui iussu Stephani Romani pontificis depositus ac detonsus atque in monasterium trusus est, durasse putatur. Quae licet in illo finita possit videri, tamen iam dudum nullius vigoris erat, nec quicquam in se clarum praeter inane regis vocabulum praeferebat.*	**[1]** Julga-se que a linhagem dos merovíngios, da qual os francos costumavam tirar os seus reis, durou até o rei Childerico, que, por ordem do pontífice romano Estêvão, foi deposto, tonsurado e encerrado num mosteiro. Embora pareça ter terminado nele, havia muito já não tinha vigor algum, nem ostentava em si nada de ilustre além do vão título de rei.
Nam et opes et potentia regni penes palatii praefectos, qui maiores domus dicebantur, et ad quos summa imperii pertinebat, tenebantur. Neque regi aliud relinquebatur, quam ut regio tantum nomine contentus crine profuso, barba summissa, solio resideret ac speciem dominantis effingeret, legatos undecumque venientes audiret eisque abeuntibus responsa, quae erat edoctus vel etiam iussus, ex sua velut potestate redderet; cum praeter inutile regis nomen et precarium vitae stipendium, quod ei praefectus aulae prout videbatur exhibebat, nihil aliud proprii possideret quam unam et eam praeparvi reditus villam, in qua domum et ex qua famulos sibi necessaria ministrantes	Pois as riquezas e o poder do reino estavam nas mãos dos prefeitos do palácio, chamados mordomos do paço, a quem cabia o governo supremo. Ao rei nada mais restava senão, contente apenas com o nome de rei, sentar-se no trono com os cabelos soltos e a barba crescida e fingir a aparência de quem governa: ouvia os embaixadores que vinham de toda parte e, quando partiam, dava-lhes, como se fossem de sua própria autoridade, as respostas que lhe haviam ensinado ou mesmo ordenado. Além do inútil nome de rei e de um sustento precário, que o prefeito do paço lhe concedia conforme lhe parecia, nada possuía de próprio senão uma única propriedade rural, e esta de

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
atque obsequium exhibentes paucae numerositatis habebat.	rendimento muito pequeno, onde tinha a casa e de onde tirava uns poucos servos que lhe prestavam o necessário e lhe faziam obséquio.
Quocumque eundum erat, carpento ibat, quod bubus iunctis et bubulco rustico more agente trahebatur. Sic ad palatium, sic ad publicum populi sui conventum, qui annuatim ob regni utilitatem celebrabatur, ire, sic domum redire solebat. At regni administrationem et omnia quae vel domi vel foris agenda ac disponenda erant praefectus aulae procurabat.	Aonde quer que precisasse ir, ia numa carroça puxada por bois, conduzida por um boieiro à maneira rústica. Assim costumava ir ao palácio, assim à assembleia pública do seu povo, que se celebrava todos os anos para o bem do reino, e assim voltar para casa. Mas a administração do reino e tudo o que se havia de fazer e dispor, dentro ou fora dele, ficava a cargo do prefeito do paço.
[2] *Quo officio tum, cum Hildricus deponebatur, Pippinus pater Karoli regis iam velut hereditario fungebatur. Nam pater eius Karolus, qui tyrannos per totam Franciam dominatum sibi vindicantes oppressit et Sarracenos Galliam occupare temptantes duobus magnis proeliis, uno in Aquitania apud Pictavium civitatem, altero iuxta Narbonam apud Birram fluvium, ita devicit, ut in Hispaniam eos redire conpelleret, eundem magistratum a patre Pippino sibi dimissum egregie administravit.*	**[2]** Quando Childerico foi deposto, Pepino, pai do rei Carlos, já exercia esse cargo como que por direito hereditário. Pois seu pai, Carlos — que esmagou os tiranos que reivindicavam para si o domínio por toda a França e venceu os sarracenos que tentavam ocupar a Gália, em duas grandes batalhas, uma na Aquitânia, junto à cidade de Poitiers, outra perto de Narbona, junto ao rio Berre, de tal modo que os obrigou a voltar à Hispânia —, administrou de modo egrégio essa mesma magistratura, que lhe fora deixada por seu pai, Pepino.
Qui honor non aliis a populo dari consueverat quam his qui et claritate generis et opum amplitudine ceteris eminebant. Hunc cum Pippinus pater Karoli regis ab avo et patre sibi et fratri Karlomanno relictum, summa cum eo concordia divisum, aliquot annis velut sub rege memorato tenuisset, frater eius Karlomannus - incertum quibus de causis, tamen videtur, quod amore conversationis contemplativae succensus -, operosa temporalis regni administratione relicta, Romam se in otium contulit, ibique habitu permutato monachus factus in monte Soracte apud ecclesiam beati Silvestri constructo monasterio cum fratribus secum ad hoc venientibus per aliquot annos optata quiete perfruitur.	Essa dignidade não costumava ser dada pelo povo senão aos que se destacavam dos demais pela nobreza da linhagem e pela grandeza das riquezas. Pepino, pai do rei Carlos, recebeu-a do avô e do pai juntamente com o irmão Carlomano e dividiu-a com ele em suma concórdia. Depois de a terem mantido por alguns anos, como que sob o rei já mencionado, seu irmão Carlomano — não se sabe por que razões, mas parece que inflamado pelo amor da vida contemplativa — deixou a trabalhosa administração do reino temporal e retirou-se para o repouso em Roma. Ali, mudado o hábito e feito monge, construiu um mosteiro no monte Soratte, junto à igreja de São Silvestre, e por alguns anos gozou da quietude desejada com os irmãos que para isso o acompanharam.
Sed cum ex Francia multi nobilium ob vota solvenda Romam sollemniter commearent et eum velut dominum quondam suum praeterire nollent, otium, quo maxime delectabatur, crebra salutatione interrumpentes locum mutare conpellunt. Nam huiuscemodi frequentiam cum suo proposito officere vidisset, relicto monte in Samnium provinciam ad monasterium sancti Benedicti situm in castro Casino secessit et ibi quod reliquum erat temporalis vitae religiose conversando conplevit.	Mas, como muitos nobres da França iam solenemente a Roma para cumprir votos e não queriam passar ao largo daquele que fora outrora seu senhor, interrompiam com visitas frequentes o repouso que ele mais amava e obrigaram-no a mudar de lugar. Vendo que tal afluência contrariava o seu propósito, deixou o monte e retirou-se para a província do Sâmnio, ao mosteiro de São Bento, situado no castro de Cassino, e ali completou religiosamente o que lhe restava da vida temporal.
[3] *Pippinus autem per auctoritatem Romani pontificis ex praefecto palatii rex constitutus, cum per annos XV aut eo amplius Francis solus imperaret, finito Aquitanico bello, quod contra Waifarium ducem Aquitaniae ab eo susceptum per continuos novem annos gerebatur, apud Parisios morbo aquae intercutis diem obiit, superstitibus liberis Karlo et Karlomanno, ad quos successio regni divino nutu pervenerat.*	**[3]** Pepino, por sua vez, de prefeito do palácio constituído rei pela autoridade do pontífice romano, depois de reinar sozinho sobre os francos por quinze anos ou mais, terminada a guerra da Aquitânia, que empreendera contra Waifar, duque da Aquitânia, e conduzira por nove anos contínuos, morreu de hidropisia junto a Paris, deixando os filhos Carlos e Carlomano, a quem a sucessão do reino chegara por vontade divina.
Franci siquidem facto sollemniter generali conventu ambos sibi reges constituunt, ea conditione praemissa, ut	Os francos, reunidos solenemente em assembleia geral, constituíram ambos seus reis, sob a condição prévia de

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
totum regni corpus ex aequo partirentur, et Karolus eam partem, quam pater eorum Pippinus tenuerat, Karlomannus vero eam, cui patruus eorum Karlomannus praeerat, regendi gratia susciperet. Susceptae sunt utrimque conditiones, et pars regni divisi iuxta modum sibi propositum ab utroque recepta est.	que repartissem em partes iguais todo o corpo do reino e de que Carlos recebesse para governar a parte que tivera seu pai, Pepino, e Carlomano aquela que estivera sob o tio, Carlomano. As condições foram aceitas de parte a parte, e cada um recebeu a porção do reino dividido segundo o modo que lhe fora proposto.
Mansitque ista, quamvis cum summa difficultate, concordia, multis ex parte Karlomanni societatem separare molientibus, adeo ut quidam eos etiam bello committere sint meditati. Sed in hoc plus suspecti quam periculi fuisse ipse rerum exitus adprobavit, cum defuncto Karlomanno uxor eius et filii cum quibusdam, qui ex optimatum eius numero primores erant, Italiam fuga petiit et nullis existentibus causis, spreto mariti fratre, sub Desiderii regis Langobardorum patrocinium se cum liberis suis contulit. Et Karlomannus quidem post administratum communiter biennio regnum morbo decessit; Karolus autem fratre defuncto consensu omnium Francorum rex constituitur.	E essa concórdia se manteve, ainda que com suma dificuldade, porque muitos, do lado de Carlomano, tramavam romper a união, a ponto de alguns cogitarem até lançá-los em guerra um contra o outro. Mas o próprio desfecho dos fatos provou que nisso houve mais suspeita que perigo: morto Carlomano, a sua mulher e os filhos, com alguns dos principais entre os seus grandes, fugiram para a Itália e, sem razão alguma, desprezando o irmão do marido, puseram-se com os filhos sob a proteção de Desidério, rei dos lombardos. Carlomano, depois de dois anos de governo comum do reino, morreu de doença; e Carlos, morto o irmão, foi constituído rei com o consentimento de todos os francos.

Notas de contextualização

— Childerico III foi deposto em 751. A deposição foi autorizada pelo papa Zacarias; Estêvão II apenas ungiu Pepino e os filhos em Saint-Denis, em 754, e Eginhardo funde os dois momentos. O último merovíngio foi recolhido ao mosteiro de Saint-Bertin, em Sithiu.

— Os cabelos longos eram o sinal sagrado da realeza merovíngia — os reges criniti —, e a tonsura equivalia à perda da aptidão para reinar. O retrato do rei de fachada, conduzido em carro de bois, serve para justificar a mudança de dinastia: segundo os Anais do Reino dos Francos, a consulta levada ao papa perguntava se convinha que fosse chamado rei quem tinha o poder ou quem dele estava privado, e a resposta foi que o nome devia corresponder à coisa. É a velha exigência de que o título acompanhe a realidade do ofício.

— Mordomos do paço (maiores domus): originalmente administradores da casa real, tornaram-se, no século VII, os verdadeiros chefes do governo. A assembleia anual (publicus populi conventus), o chamado Campo de Março, depois Campo de Maio, era a reunião dos homens livres e dos grandes do reino.

— Carlos, avô de Carlos Magno, é Carlos Martel, cognome que só aparece mais tarde. A batalha de Poitiers deu-se em 732 (ou 733); a do rio Berre, perto de Narbona, em 737.

— Carlomano, tio de Carlos Magno, renunciou em 747. O monte Soratte fica cerca de quarenta quilômetros ao norte de Roma; o mosteiro de São Bento é Monte Cassino, onde viveu até 754.

— Pepino reinou de 751 a 768 e morreu em 24 de setembro de 768, em Saint-Denis, perto de Paris. A partilha entre os filhos segue o costume franco de tratar o reino como patrimônio partível entre os herdeiros, à maneira de uma herança; Luís, o Piedoso, tentaria romper essa lógica com a Ordinatio imperii de 817, que reservava a dignidade imperial a um só filho.

— Carlomano, irmão de Carlos, morreu em 4 de dezembro de 771. A viúva, Gerberga, refugiou-se com os filhos junto de Desidério, cuja filha Carlos havia desposado e repudiado pouco antes (cap. 18). O asilo dado aos sobrinhos, possíveis pretendentes ao trono, está entre as causas da guerra contra os lombardos.

II. O plano da obra e a guerra da Aquitânia (caps. 4–5)

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
[4] *De cuius nativitate atque infantia vel etiam pueritia quia neque scriptis usquam aliquid declaratum est, neque quisquam modo superesse invenitur, qui horum se dicat habere notitiam, scribere ineptum iudicans ad actus et mores ceterasque vitae illius partes explicandas ac*	**[4]** Sobre o seu nascimento, a sua infância ou mesmo a sua meninice, como nada se encontra declarado por escrito em parte alguma nem se acha hoje vivo quem diga ter conhecimento disso, julguei inapropriado escrever e decidi, omitindo o que é desconhecido, passar a expor e

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
demonstrandas, omissis incognitis, transire disposui; ita tamen, ut, primo res gestas et domi et foris, deinde mores et studia eius, tum de regni administratione et fine narrando, nihil de his quae cognitu vel digna vel necessaria sunt praetermittam.	mostrar os seus atos, costumes e demais partes da sua vida; de tal modo, porém, que, narrando primeiro os feitos dentro e fora do reino, depois os seus costumes e estudos, e por fim a administração do reino e a sua morte, nada deixe de lado do que é digno ou necessário conhecer.
[5] *Omnium bellorum, quae gessit, primo Aquitanicum, a patre inchoatum, sed nondum finitum, quia cito peragi posse videbatur, fratre adhuc vivo, etiam et auxilium ferre rogato, suscepit. Et licet eum frater promisso frustrasset auxilio, susceptam expeditionem strenuissime exsecutus non prius incepto desistere aut semel suscepto labori cedere voluit, quam hoc, quod efficere moliebatur, perseverantia quadam ac iugitate perfecto fine concluderet.*	**[5]** De todas as guerras que fez, empreendeu primeiro a da Aquitânia, iniciada pelo pai mas ainda não terminada, porque parecia poder concluí-la depressa; o irmão ainda vivia, e Carlos chegou a pedir-lhe ajuda. E, embora o irmão o tivesse frustrado no auxílio prometido, conduziu a expedição com extremo vigor e não quis desistir do empreendimento nem ceder ao trabalho uma vez assumido antes de levar a termo completo, com perseverança e constância, aquilo que se propunha.
Nam et Hunoldum, qui post Waifarii mortem Aquitaniam occupare bellumque iam poene peractum reparare temptaverat, Aquitaniam relinquere et Wasconiam petere coegit. Quem tamen ibi consistere non sustinens, transmisso amne Garonna et aedificato castro Frontiaco, Lupo Wasconum duci per legatos mandat, ut perfugam reddat; quod ni festinato faciat, bello se eum expostulaturum. Sed Lupus saniori usus consilio non solum Hunoldum reddidit, sed etiam se ipsum cum provincia cui praeerat eius potestati permisit.	Pois obrigou Hunoldo, que depois da morte de Waifar tentara ocupar a Aquitânia e reacender a guerra já quase terminada, a deixar a Aquitânia e buscar a Gasconha. E, não tolerando que ali se fixasse, atravessou o rio Garona, construiu o castelo de Fronsac e mandou dizer por emissários a Lupo, duque dos gascões, que lhe entregasse o fugitivo; se não o fizesse prontamente, iria reclamá-lo pela guerra. Mas Lupo, seguindo conselho mais sensato, não só entregou Hunoldo como se submeteu ao seu poder, juntamente com a província que governava.

Notas de contextualização

— A data do nascimento de Carlos Magno é incerta. Eginhardo dá-lhe setenta e dois anos ao morrer, em 814 (cap. 30), o que aponta para 742; outros indícios sugerem 747 ou 748. O silêncio sobre a infância é também um traço de método: o biógrafo só narra o que pode atestar.

— O plano anunciado — feitos de guerra e de paz, costumes e estudos, administração e morte — é o mesmo que Suetônio segue na Vida do Divino Augusto. A Vida de Carlos Magno obedecerá fielmente a essa ordem.

— A campanha da Aquitânia é de 769, primeiro ano do reinado conjunto. Hunoldo era provavelmente filho ou parente de Waifar. Fronsac fica, na verdade, à margem do Dordonha, perto de sua confluência com o Garona. Lupo II era duque da Gasconha, região então ainda pouco integrada ao reino franco.

— A entrega do fugitivo exigida sob ameaça de guerra antecipa um instituto que o direito das gentes conhece até hoje sob o nome de extradição; aqui, contudo, ela resulta da força, não de tratado.

III. A guerra contra os lombardos (cap. 6)

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
[6] *Conpositis in Aquitania rebus eoque bello finito, regni quoque socio iam rebus humanis exempto, rogatu et precibus Hadriani Romanae urbis episcopi exoratus bellum contra Langobardos suscepit. Quod prius quidem et a patre eius, Stephano papa supplicante, cum magna difficultate susceptum est; quia quidam e primoribus Francorum, cum quibus consultare solebat, adeo voluntati eius renisi sunt, ut se regem deserturos domumque redituros libera voce proclamarent.*	**[6]** Ordenadas as coisas na Aquitânia e terminada aquela guerra, já tendo deixado o mundo dos vivos o seu associado no reino, empreendeu a guerra contra os lombardos, vencido pelos pedidos e súplicas de Adriano, bispo da cidade de Roma. Esta guerra já fora empreendida antes por seu pai, a pedido do papa Estêvão, mas com grande dificuldade, porque alguns dos principais francos, com os quais costumava deliberar, opuseram-se de tal modo à sua vontade que proclamavam em alta voz que abandonariam o rei e voltariam para casa.
Susceptum tamen est tunc contra Haistulfum regem et celerrime completum. Sed licet sibi et patri belli	Ainda assim, foi então empreendida contra o rei Astolfo e concluída com grande rapidez. Mas, embora para ele e

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
suscipiendi similis ac potius eadem causa subesse videretur, haud simili tamen et labore certatum et fine constat esse conpletum. Pippinus siquidem Haistulfum regem paucorum dierum obsidione apud Ticenum conpulit et obsides dare et erepta Romanis oppida atque castella restituere atque, ut reddita non repeterentur, sacramento fidem facere;	para o pai a causa de fazer a guerra parecesse semelhante, ou antes a mesma, sabe-se que nem o esforço da luta nem o desfecho foram semelhantes. Pepino, com um cerco de poucos dias em Pavia, obrigou o rei Astolfo a dar reféns, a restituir as cidades e os castelos tomados aos romanos e a garantir sob juramento que não voltaria a reclamar o que restituíra.
Karolus vero post inchoatum a se bellum non prius destitit, quam et Desiderium regem, quem longa obsidione fatigaverat, in deditionem susciperet, filium eius Adalgisum, in quem spes omnium inclinatae videbantur, non solum regno, sed etiam Italia excedere conpelleret, omnia Romanis erepta restitueret, Hruodgausum Foroiuliani ducatus praefectum res novas molientem opprimeret totamque Italiam suae ditioni subiugaret subactaeque filium suum Pippinum regem inponeret.	Carlos, por sua vez, iniciada a guerra, não parou antes de receber a rendição do rei Desidério, a quem esgotara com longo cerco; de obrigar o filho dele, Adalgiso, para quem pareciam voltar-se as esperanças de todos, a deixar não só o reino mas também a Itália; de restituir tudo o que fora tomado aos romanos; de esmagar Hruodgaudo, prefeito do ducado do Friul, que tramava uma revolta; de submeter toda a Itália ao seu domínio e de pôr como rei da Itália submetida o seu filho Pepino.
Italiam intranti quam difficilis Alpium transitus fuerit, quantoque Francorum labore invia montium iuga et eminentes in caelum scopuli atque asperae cautes superatae sint, hoc loco describerem, nisi vitae illius modum potius quam bellorum, quae gessit, eventus memoriae mandare praesenti opere animo esset propositum. Finis tamen huius belli fuit subacta Italia et rex Desiderius perpetuo exilio deportatus et filius eius Adalgisus Italia pulsus et res a Langobardorum regibus ereptae Hadriano Romanae ecclesiae rectori restitutae.	Descreveria aqui quão difícil foi a travessia dos Alpes ao entrar na Itália e com quanto esforço dos francos foram vencidos os cumes intransitáveis dos montes, os rochedos que se erguem até o céu e os penhascos ásperos, se não me tivesse proposto, nesta obra, confiar à memória antes o modo da sua vida que os acontecimentos das guerras que fez. O fim desta guerra, todavia, foi a Itália submetida, o rei Desidério deportado em exílio perpétuo, seu filho Adalgiso expulso da Itália e os bens tomados pelos reis lombardos restituídos a Adriano, reitor da Igreja romana.

NOTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

— Adriano I foi papa de 772 a 795. As campanhas de Pepino contra Astolfo são de 754 e 756; delas resultou a chamada Doação de Pepino, que entregou ao papa os territórios do exarcado de Ravena e está na origem dos Estados Pontifícios.

— A resistência dos grandes francos à guerra de Pepino mostra que o rei não decidia sozinho a guerra: devia obter o conselho e o assentimento dos seus homens principais, reunidos em assembleia.

— O cerco de Pavia durou de setembro de 773 a junho de 774. Desidério foi recolhido ao mosteiro de Corbie, e Carlos passou a intitular-se rei dos francos e dos lombardos. Adalgiso refugiou-se em Constantinopla. A revolta de Hruodgaudo, duque do Friul, foi esmagada em 776. Pepino, batizado Carlomano, foi ungido rei da Itália em Roma, pelo próprio papa Adriano, em 781.

— A renúncia a descrever a travessia dos Alpes é declaração de método: o biógrafo quer narrar o modo da vida (vitae modus), não a crônica das campanhas. A restituição das terras ao papa confirma a aliança entre a casa de Carlos e a Sé romana, que culminaria na coroação imperial de 800.

IV. A guerra saxônica (caps. 7–8)

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO
[7] *Post cuius finem Saxonicum, quod quasi intermissum videbatur, repetitum est. Quo nullum neque prolixius neque atrocius Francorumque populo laboriosius susceptum est; quia Saxones, sicut omnes fere Germaniam incolentes nationes, et natura feroces et cultui daemonum dediti nostraeque religioni contrarii neque divina neque humana iura vel polluere vel transgredi inhonestum arbitrabantur.*	**[7]** Terminada aquela guerra, retomou-se a guerra saxônica, que parecia como que interrompida. Nenhuma outra foi empreendida que fosse mais longa, mais atroz ou mais trabalhosa para o povo dos francos, porque os saxões, como quase todas as nações que habitam a Germânia, eram ferozes por natureza, dados ao culto dos demônios e contrários à nossa religião, e não consideravam desonroso profanar ou transgredir nem o

COLEÇÃO GRANDES LÍDERES · II

CARLOS MAGNO

o Pai da Europa

Este é um trecho da obra. A edição completa traz, na íntegra e com o texto latino ao lado da tradução, a *Vida de Carlos Magno*, de Eginhardo, e os *Feitos de Carlos Magno*, de Notker de São Galo, com notas de contextualização e comentários da tradição.

INSTITUTOMMV.COM.BR/EDICOES

EDIÇÕES INSTITUTO MMV